

# Jaime Correa do Inso, Português, Militar, Viajante e Orientalista, nos Inícios do Séc. XX

ANABELA NUNES MONTEIRO\*

---

**RESUMO:** Jaime Correa do Inso foi um oficial da Marinha Portuguesa, que viveu entre 1880 e 1967. Com larguíssima experiência em destacamentos além-mar, antes e depois da queda da monarquia e consequente implantação da República em Portugal, distinguiu-se por alguns escritos sobre o Oriente, nomeadamente Macau. Numa época onde se procurava saber mais das diferentes geografias lusas pelo mundo, a singeleza da prosa, aliada ao rigor descritivo do que observava, traduziu impressões elucidativas, enquanto português desconhecedor de hábitos e culturas orientais. Habilmente descritas, as suas análises conferem um testemunho primordial sobre a vida da então colónia lusa. Testemunho esse muito interessante, dado ser alguém exterior da realidade luso-chinesa, que observava, reflectia e concluía sobre aspectos culturais muito diferentes dos seus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jaime do Inso; Macau; Testemunhos; História; Séc. XX.

---

Jaime Correa do Inso (1880–1967) foi uma personalidade notável não apenas pela sua brilhante carreira ao serviço da Marinha Portuguesa, mas igualmente pelo seu espírito analítico, que o levou a observar e a registar o que lhe era oferecido ver nas múltiplas viagens que realizou a bordo de alguns importantes navios militares de Portugal. Nesse contexto, esteve na longínqua Macau — para os padrões da época — assim como em Hong Kong e em Timor, para além de Moçambique, Angola, Brasil, entre outros portos.

A sua insaciável curiosidade levou-o a ser aquilo

que podemos considerar um orientalista, corrente de pensamento surgida no séc. XVIII, ainda que se possa ser identificada e relacionada com a expansão portuguesa, havida muito antes da centúria referida. E orientalista porquê? Pela admiração, talvez mesmo paixão, com que via os hábitos e costumes do Oriente, fundamentalmente os sínicos, que o levava a escrever e a publicar as suas impressões para o público português. À sua maneira, e muito dentro da época em que viveu, emergiu como uma ponte cultural entre o Oriente misterioso, romântico e, muito desconhecido para os olhos dos europeus,

---

\* Anabela Nunes Monteiro, doutorada em Letras, área de História, na especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, pela Universidade de Coimbra.

*Anabela Nunes Monteiro holds a Ph.D. in History, specialising in the History of the Portuguese Discoveries and Expansion, from the University of Coimbra.*

reforçando o tal orientalismo que ganhou um novo fôlego a partir da segunda metade do século XIX. Olhos esses, ávidos de conhecer paragens e povos tão longínquos para Portugal.

Muito embora ele seja um homem da época colonial portuguesa dos inícios do séc. XX, não deixa de constituir a tal ponte acima indicada quando diz:

*A presença da nossa bandeira em Macau deve ser olhada com carinho por todos os chineses, porque ela não representa mais do que uma verdadeira tradição cheia de amizade, um amplexo da civilização ocidental que eles hoje tanto apreciam, sem um perigo, um significado deprimente de opressão ou de conquista, mas apenas uma saudação que vem, desde tempos remotos.<sup>1</sup>*

Apesar de não nos podermos esquecer que os seus escritos filtraram uma realidade, consoante a sua interpretação, os mesmos fortaleceram-no como uma testemunha credível de Macau, e até do Sul da China, e daí o interesse na análise da sua obra escrita. A designação de testemunha credível, ao que acrescentamos notável, explica-se devido ao facto algo singular (ainda que surgissem casos sensivelmente idênticos com o de Bento da França, 1859–1906, ou mesmo de Venceslau de Moraes, 1854–1929) de registar o que via, ao contrário de muitos outros militares que cumpriam os seus deveres em terras distantes, mas sem haver a preocupação de tentar compreender as vivências de uma cultura diferente da portuguesa ou mesmo da europeia. Para esses, impunha-se o cumprimento de ordens, o servir a Pátria e o regressar à mesma. Salvaguarda-se uma minoria que, por paixão/amor pelas mulheres da terra ou simplesmente, por sobrevivência económica, ali ficavam sem deixar qualquer registo escrito. Estamos, então, perante um caso de auscultação e registo de alentos de Macau,

por um estranho em geografias, hábitos e costumes orientais, mas verdadeiro apreciador do Oriente.

Num contexto de apuramento de momentos do passado, tal registo interpretativo interessa e até o consideramos fundamental para a construção da História de Macau. É a perspectiva de fora, alheia à vivência habitual do militar em questão e dos europeus da época, mas sem dúvida digna de nota. Muito visível na obra *Visões da China* o encantamento e deslumbramento pela atmosfera e cultura sínica na cidade portuguesa referida, chegando a dizer '[...] num contraste flagrante com a nossa imaginação e fantasia, não sei que têm, que de si exalam, que perturbam e fazem voltar aqueles que uma vez aqui estiveram'.<sup>2</sup> Obviamente, que é uma perspectiva limitadora, na medida em que o sujeito desconhece a mecânica das relações socioculturais, mas nem por isso destituída de valor na medida em que expressa a tal olhar de um exterior muito diferente. Pela divulgação da sua obra na época podemos compreender, num contexto mais lato, a provável reacção de um público português ávido de conhecimento asiático, muito dentro da corrente orientalista já referida.

Este homem cumpriu a sua incumbência militar com honra e mérito, de acordo com as avaliações dos superiores hierárquicos, sempre que enviado para novo posto. Dos seus registos emerge o sentido, como prática, de querer alcançar, enquadrar e perpetuar os pormenores de outras culturas. Não é de todo despropositado pensar que haveria alguma, se não mesmo muita, dificuldade em perceber o que via, mas tal não o impediu de dar com minúcia o testemunho fidedigno de um período que proporciona aquilo que poderemos hoje chamar subsídios para a construção da História de Macau. Logo, as suas anotações arcam uma dimensão rica e empenhada, numa primeira instância para seu registo pessoal, numa segunda para um vasto público. Sem esquecer que a China,

## HISTORIOGRAFIA

no imaginário português e europeu, era distante e sedutora, portanto apelativa para a alimentação dessa mesma ficção quimérica. Ou seja, existia uma percepção, ingénua na sua generalidade, que não invalida uma outra de aversão teimosa ao mundo sínico, na apreensão das suas diferenças com o nosso Ocidente. E mais, era comum, no quotidiano, os portugueses pensarem que havia sido no Oriente o início de um grande império, neste caso o português, ao qual não era alheia o apoio e intervenção da Igreja. Acrescentamos o facto de Portugal-Nação ter assumido uma responsabilidade civilizacional e religiosa, em terras longínquas e atrasadas, incultas ou mesmo apenas pagãs, no seu entender, junto das sociedades europeia em geral e portuguesa em particular. Tal ideia perpetuou-se através dos séculos e a compreensão do Oriente era percebido como a tal ficção quimérica, atrás referida.

E como ele próprio refere em *Visões da China*, no texto referente ao ano de 1928: ‘Entre nós, Macau e tudo quanto esta colónia se relaciona, é nebuloso, vago, desconhecido. Para ajudar, de certo modo, a desfazer este véu, e para frisar o quanto de delicado, e de vasta responsabilidade envolve o governo da pequena Macau, em confronto com muitas das nossas extensas regiões africanas, julgo útil deixar aqui arquivados estes ligeiros episódios que se ligam a uma época em que vivi em Macau’.<sup>3</sup> Mas igualmente era o dito estabelecimento luso uma fonte de preocupação para Inso, na medida que tinha consciência do valor da colónia para Portugal, como refere no discurso ‘Comunicações com as Colónias do Extremo-Oriente’ quando dizia: ‘O problema do Oriente português é complexo, melindroso, e eriçado de espinhos mas, neste renovamento e anseio de hoje por uma expansão e forte unidade do Império, ele impõe-se à nossa consideração, e o primeiro passo a tomar, qual não a única, mas só daquela aqui nos interessa tratar, é a ligação directa

das colónias do Oriente com a metrópole sob a bandeira nacional.’<sup>4</sup>

Inso demonstra, através da sua obra, que não era ignorante sobre a realidade de Macau, tecendo críticas algo severas a Portugal, como o seu desconhecimento das importantes indústrias daquela colónia, bem como a ameaça constante da pirataria que assolava as ilhas da Taipa e Coloane. A título de exemplo, destacamos alguns casos de indústrias que ele se refere, como a importância da pesca, apresentando valores em toneladas do pescado, com a indicação específica do número da população marítima de 52.463 almas,<sup>5</sup> apoiado no censo de 1927, continuando com a do balichão e a do molho de ostras, ambas muito apreciadas na cozinha chinesa. E, genericamente, acrescenta ainda cordoarias, madeiras, conservas de peixe, azeite de amendoim, açúcar mascavado, pivetes com exportação para Singapura, Manila, Ceilão América, Inglaterra e França, panchões, fósforos, vinho chinês, tabaco, artefactos de malha, tecidos de algodão, descasque de arroz e até uma fábrica de cimentos,<sup>6</sup> localizada na Ilha Verde. Na elaboração desta comunicação é visível o cuidado do autor em recorrer a fontes oficiais, de forma a documentar com rigor as informações e preocupações críticas. Rigor esse sempre presente nos seus escritos, tornando os mesmos credíveis aos olhos do leitor.

De certa forma, Inso insere-se na lista de aventureiros e descobridores que, a partir dos finais do século XIX, se lançaram por África, como os portugueses Roberto Ivens (1850–1898), Hermenegildo Capelo (1841–1917), Alexandre Serpa Pinto (1846–1900) ou o escocês David Livingstone (1813–1873). Apesar do enquadramento histórico ser o mesmo, a situação de comandante destaca-se pela diferença. Os primeiros, aceitavam o encargo de ir à descoberta de terras e gentes, numa procura de recursos e conhecimentos para os seus patronos/países. Assumiam a incumbência militar

de reconhecimento do território e mapeamento de África, bem como o estudo das bacias hidrográficas do Zaire e do Zambeze. O último, Livingstone, como missionário e homem de fé, acabou igualmente com a indicação governamental inglesa de exploração de várias regiões do referido continente.

Nessa época, era premente para Portugal definir os seus territórios africanos, na sequência da Conferência de Berlim, em 1885. A questão do *Mapa Cor-de-Rosa*, que opôs Portugal e a Inglaterra na corrida pelas suas possessões coloniais africanas, culminou com o *Ultimatum* inglês a Portugal, em 1890. Se a primeira parte do séc. XIX foi marcada pelas lutas liberais e consolidação do liberalismo em Portugal, e numa boa parte da Europa, a segunda meia centúria, principalmente o último quartel do século, e os primeiros vinte anos do seguinte, representaram uma época de marcação incessante de posições estratégicas militares, numa crescente tensão, na sequência das necessidades económico-industriais, na Europa. A estes exploradores ainda podíamos juntar a obra notável do diplomata brasileiro Henrique Carlos Ribeiro Lisboa (1847–1920),<sup>7</sup> secretário da missão especial que o então Império do Brasil enviou à China, em 1880. O livro publicado em 1888, em Montevideo, considerava os ‘chins’ um povo respeitável com o qual se poderia aprender e ter relações comerciais e até políticas.<sup>8</sup> As suas descrições plasmadas pela curiosidade sentida pelo autor, acrescentaram uma análise de carácter antropológico que nos remete, sem grande esforço, para a obra geral de Inso. A grande diferença, sem contarmos com a realidade profissional e nacional de cada um deles, é que o brasileiro se focou mais na China (ainda que tenha escrito um capítulo sobre a colónia portuguesa), evidenciando a preocupação brasileira em promover a imigração chinesa, dada a falta de mão-de-obra no Brasil, e estabelecer relações de carácter económico com aquele país do Oriente.

Contudo, quem foi Jaime Correa do Inso? Não

é descabido proceder a uma análise das suas origens e do seu percurso militar, pois pode contribuir para uma explicação mais substantiva do seu trajecto literário.

Filho de José Correa do Inso e Francisca da Graça Mendes Farinha nasceu na Freguesia de N.ª Sr.ª da Graça, Concelho de Niza, no Distrito de Portalegre, localizado no Alto Alentejo e junto à fronteira com Espanha, no dia 12 de Outubro de 1880. Por circunstâncias da vida ou por vocação assentou praça, voluntariamente, a 11 de Agosto de 1898, ainda com dezassete anos, com o intuito de servir por doze anos, no Regimento de Infantaria n.º 22, criado naquela vila alentejana, em 1864.<sup>9</sup> Contudo, um ano depois, foi transferido para o serviço da Armada Portuguesa, tornando-se aspirante da Marinha, e definindo assim a sua verdadeira vocação profissional. A realização académica concretizou-se no Curso da Marinha, evidenciando já nessa época um talento inato para uma escrita clara, escorreita e de constante observação, que o iria distinguir ao longo da sua vida. Posto a posto, foi progredindo na carreira, destacando-se as importantes nomeações para servir na Divisão Naval do Atlântico Sul, a 19 de Agosto de 1907, um ano após o seu casamento, e na Estação Naval de Macau a 8 de Dezembro de 1910, já sob o comando das forças revolucionárias republicanas que governavam Portugal.

É nesta comissão de serviço que teve a sua segunda oportunidade de estar no Sul da China e em Timor, dado que já lá havia estado em 1903, por breve período na condição de guarda-marinha,<sup>10</sup> período esse que despertou o seu fascínio pela cidade do Santo Nome de Deus. Aliás, ele refere que logo após à sua chegada teve a oportunidade de assistir a uma cerimónia fúnebre chinesa, no Porto Interior, que o impressionou vivamente, pois não conseguiu estabelecer uma equivalência com o ritual religioso católico. Na sua descrição, interessante para o agora leitor da sua obra, revela

## HISTORIOGRAFIA



Fig. 1: Retrato de Jaime Correa do Inso. Fonte: <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2017/10/06/jaime-do-inso-o-marinheiro-escriptor-que-se-deixou-encantar-pelos-misterios-do-orientel/>

uma profunda curiosidade e, sobretudo, espanto por aquilo que presenciava.<sup>11</sup>

Para melhor compreender a dimensão militar deste homem, não é por demais salientar os navios da Armada Portuguesa onde prestou serviço, uma lista bem longa da qual constam importantes embarcações que participaram em acontecimentos e viagens relevantes na História da Marinha e, por conseguinte, de Portugal. As de maior significado são: corveta *Duque da Terceira*; fragata *D. Fernando*; cruzador *Vasco da Gama*, cruzador *D. Carlos I*; cruzador *Adamastor*; navio depósito *Bartolomeu Dias*; corveta *Afonso de Albuquerque* e o navio *Pátria*. Este conjunto notável dos navios, corresponde às

inúmeras missões em que tomou parte um pouco por quatro continentes. Da lista, em que Jaime do Inso arrogou a sua missão, destacam-se, em 1903, o cruzador *Adamastor*, devido ao seu uso pelas forças republicanas, aquando da Revolução do 5 de Outubro de 1910, e o navio *Pátria* no qual chegou a comandante. Sobre esta canhoneira regista-se o seu embarque em 1904 e que sobre a qual publicará, em 1951, um artigo nos Anais de Marinha.<sup>12</sup>

Em inícios de 1905, o *Pátria* passou a estar integrado na Divisão Naval do Atlântico Sul, com base em Luanda, tendo sido enviado, durante cerca de nove meses, aos principais portos do Brasil. O grande mérito desta viagem é que foi o único navio de guerra nacional que subiu o Rio Amazonas, escalando Manaus, localizada na costa oeste do Rio Negro e que ainda hoje possui o maior porto flutuante do mundo, apoiando os estados do Amazonas, Roraima, Rondônia, Acre e áreas do norte do Mato Grosso.

Com o triunfo da revolução republicana portuguesa, e já nos inícios de 1911, mais uma vez a bordo do *Pátria*, seguiu de urgência para reforçar a soberania de Portugal em Macau, visto estar a ter lugar na China a revolução republicana que ditou o fim do milenário Império Chinês, para além de haver a necessidade de marcar a posição de Portugal, junto das suas possessões coloniais, no âmbito do movimento revolucionário havido no país, um ano antes.

Esta sua segunda visita a Macau foi curta, já na qualidade de 2.º tenente, devido ao facto da situação em Timor se ter agravado, num conflito local de grande proporção, com a revolta de um dos mais poderosos chefes nativos. A situação não estava descansada para Portugal. As convulsões internas da China, devido à queda da monarquia imperial, destabilizavam Macau, gerando muito ansiedade e preocupação entre os residentes. Entre boatos, sempre comuns neste tipo de situações, e o

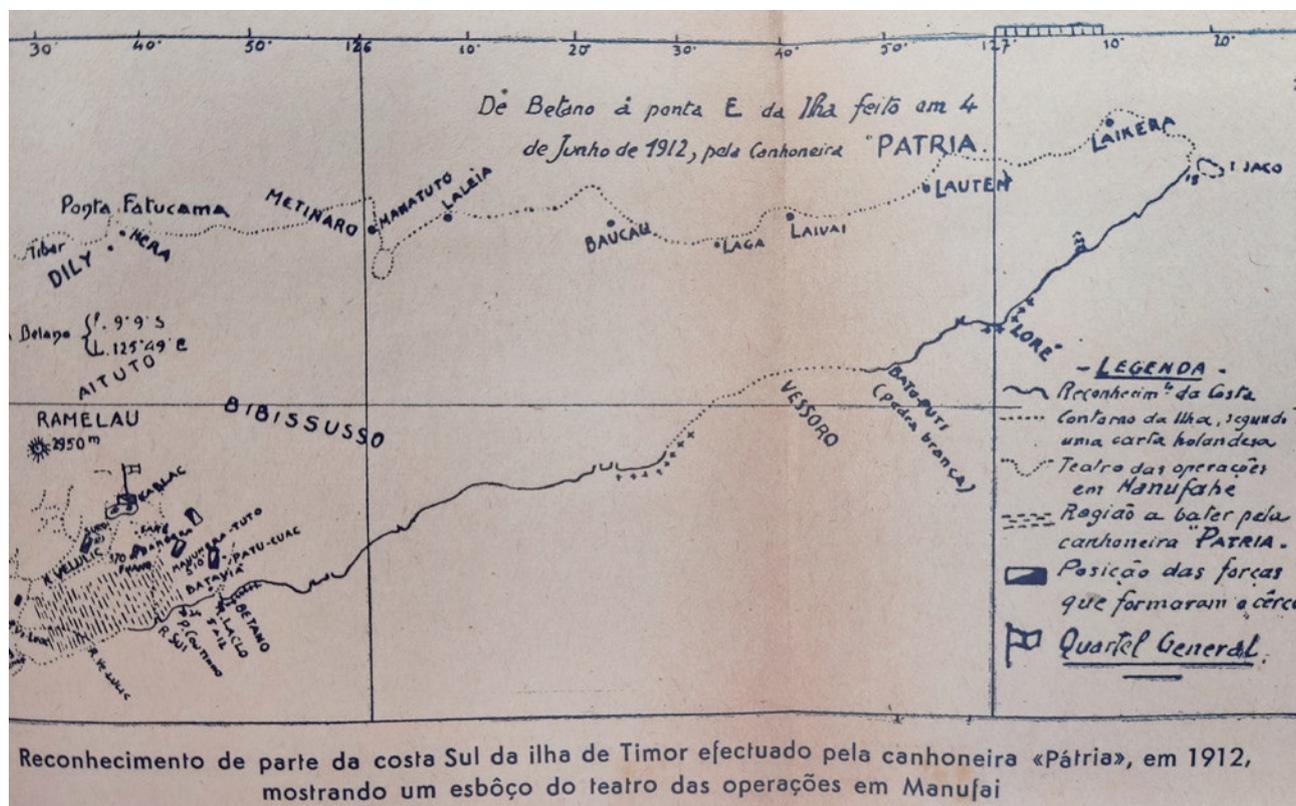


Fig. 2: Mapa de Timor, em Jaime Inso, *Timor-1912*, 112–113.

trabalho de Inso no *Pátria*, um garante muito eficaz na protecção dos portugueses em Macau, surgiu a dramática notícia que em Timor um chefe indígena havia trucidado um oficial, vários soldados e as suas famílias.

Nessa época já haviam chegado a Macau as forças expedicionárias enviadas da Índia e de Lourenço Marques, Moçambique, num total de 600 homens, com armas para qualquer eventualidade.<sup>13</sup> O governo português na colónia de Timor não dispunha de forças militares capazes de controlar a situação, e devido ao Portugal recém-republicano não dispunha de contingente militar disponível na área, impôs-se a deslocação do *Pátria* à cidade de Díli, em Fevereiro de 1912.

*Timor-1912*, contém as memórias de Inso perante as convulsões e vicissitudes passadas nesse

território. Ao descrever a paisagem da ilha, descreve sumariamente a história da colónia portuguesa, manifestando o seu desassossego perante ao que estava a acontecer e, mais uma vez, espanto registado em ‘como aqueles povos, tão próximos ainda do estado selvagem, respeitam a religião cristã’.<sup>14</sup> A obra é impressionante pelos detalhes que contém, tanto em relação ao armamento que os militares lusos dispunham, como dos sangrentos confrontos havidos ao qual se acrescenta a ameaça da malária que iria acometer Inso e os seus homens.<sup>15</sup> No meio da contenda, o *Pátria* recebeu um novo comandante a 16 de Abril, vindo da Índia, o capitão-tenente Gago Coutinho.<sup>16</sup> A difícil estada em Timor contou com a artilharia de bordo para apoio das forças terrestres, tendo Jaime do Inso e os seus marinheiros participado em terra não só

## HISTORIOGRAFIA

em várias acções de combate, como também na defesa de centros populacionais, nomeadamente de Baucau. A obra inclui uma foto da ilha de Timor, exemplificativa dos sítios por onde Inso passou.<sup>17</sup> Os confrontos duraram oito meses e, em Setembro, o nosso oficial pode regressar a Macau,<sup>18</sup> fazendo o percurso de regresso por Manila. Em 1912, havia cumprido cento e oitenta e nove dias integrado na campanha militar em Timor, segundo os registos militares. Interessante a expressão do comandante quando avistou Macau, que retrata bem como ele se sentia em relação àquela cidade: ‘E Timor? Timor! Um sonho, uma lembrança amarga, um pesadelo de cenários lindos que se desfez ao avistarmos de longe a torre branca, esfumada na névoa, do Farol da Guia, a marca serena da terra amiga — Macau!’<sup>19</sup>

A sua actuação durante aqueles longos oito meses valeu-lhe a atribuição de um louvor pelo Comandante da Estação Naval de Macau, enaltecendo a maneira zelosa e acertada como dirigiu a coluna da Marinha em Timor. À atribuição de este louvor associou-se o Ministro das Colónias por motivo dos bons serviços prestados de 29 de Junho a 25 de Julho de 1912, como comandante do destacamento da Marinha. Igualmente, foi condecorado com a medalha de prata atribuída por decreto de 24 de Fevereiro de 1919, seguida da condecoração de Ordem Militar de Avis, a 6 de Março de 1919.

Em Maio de 1913, pouco tempo antes do retorno, o cruzador *Adamastor* que se encontrava em Macau teve uma avaria, sendo socorrido pelo *Pátria*. E é nesse contexto que o capitão-de-fragata, João de Canto e Castro (1862–1934), futuro Presidente da República (sucédâneo a Sidónio Pais), é enviado para a cidade portuguesa com a missão de assumir o comando do referido cruzador.

A intervenção em Timor fragilizou a saúde do comandante, obrigando-o a um repouso forçado, mas essencial à sua sobrevivência, quando

regressou a Portugal. O dito repouso foi feito em zona campestre por dois meses aos 32 anos. Apesar da gravidade da malária, que o acometeu, de facto muito perigosa para os padrões clínicos da época, recuperou bem, de acordo com os registos no Livro Mestre, existente no Arquivo Central da Marinha de Lisboa.

Nos documentos oficiais, e no que lhe diz respeito, sobressaem os relatórios ou avaliações dos seus superiores hierárquicos que o classificam de ‘oficial zeloso, disciplinado, com aptidão para o comando, inteligente, com grandes conhecimentos’,<sup>20</sup> entre outros reconhecimentos que concorrem para uma personalidade honesta, digna e muito culta.

A sua folha de serviços refere que, a 30 de Junho de 1916, foi às cidades do Cabo e Durban, na África do Sul, local onde se encontrava quando o presidente português Sidónio Pais (1872–1918) foi assassinado, em Lisboa a 14 de Dezembro, tragédia cujos tumultos subsequentes lhe passaram ao lado, em virtude de ter seguido para Moçambique, regressando a Portugal apenas em Dezembro de 1919.

A 9 de Junho de 1923, com a patente de capitão-tenente, assumiu a capitania do porto de Vila Real de Santo António, cargo que deixou ao ser proposto para servir a Marinha Colonial de Macau. A sua partida para o Oriente deu-se em meados de 1926, com o posto de comandante do *Pátria*. Apesar de lá ter estado sensivelmente um ano, pois regressou a 15 de Março de 1927, o seu trabalho valeu-lhe condecorações meritórias, como a Cruz de Primeira Classe da Ordem de Mérito Naval de Espanha, pelos bons serviços prestados no resgate dos pilotos do voo Madrid–Manila, a Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar, às quais se acrescentaram as Medalhas Comemorativas das Campanhas do Exército Português, Timor (1912–1913) e Moçambique (1915–1916), a Medalha da

Vitória e a Comenda da Ordem de Aviz. No seu extenso currículo de reconhecimentos oficiais, ainda figuram condecorações internacionais como o grau de Comendador da Ordem de Leopoldo, atribuída a 25 de Abril de 1931, pelo governo belga.

Inso foi promovido a capitão-de-fragata em 1935, regressando à Escola de Artilharia Naval, sediada na fragata *D. Fernando II e Glória*, com o posto de Comandante e, cumulativamente, Director da Escola, de Dezembro de 1937 a Abril de 1938, data em que a Junta de Saúde Naval o considerou incapaz para o serviço activo, sendo então mandado para a Reserva. Aos cinquenta e oito anos passou então à nova etapa da vida, com quarenta e um de carreira militar efectiva.

Paralelamente ao serviço a Portugal, com constantes afazeres profissionais subjacentes, havia toda uma vida privada que, aparentemente, foi feliz. Do seu casamento com Maria Amália, sua prima, natural da Freguesia do Socorro, em Lisboa, filha de Augusto Correa do Inso e Maria Isabel Correa do Inso resultaram três filhos: Jaime Augusto, nascido em 1915, quando ainda era 2.º tenente. Três anos depois, foi a vez de Álvaro vir ao mundo, ano em que assumiu o comando do cruzador *Adamastor* e, por fim, Maria Estela, nascida em 1914, mas que viria a falecer com nove anos.<sup>21</sup>

A Reserva não significou para si o descanso, pois aceitou a prestação de serviço na Secção de História do Estado Maior Naval, consolidando-se o reconhecimento oficial dos seus talentos académicos, atestados por palestras, conferências, publicações periódicas e outras de fôlego significativo que pautaram a sua vida na Marinha e pós-Marinha.

Muito antes da sua passagem à nova situação profissional, houve a preocupação de publicar regularmente as suas observações, a maior parte delas através de artigos e comunicações que, mais tarde, compilou em livros. Já em 1909, havia iniciado uma estreita colaboração com os Anais do Clube Militar

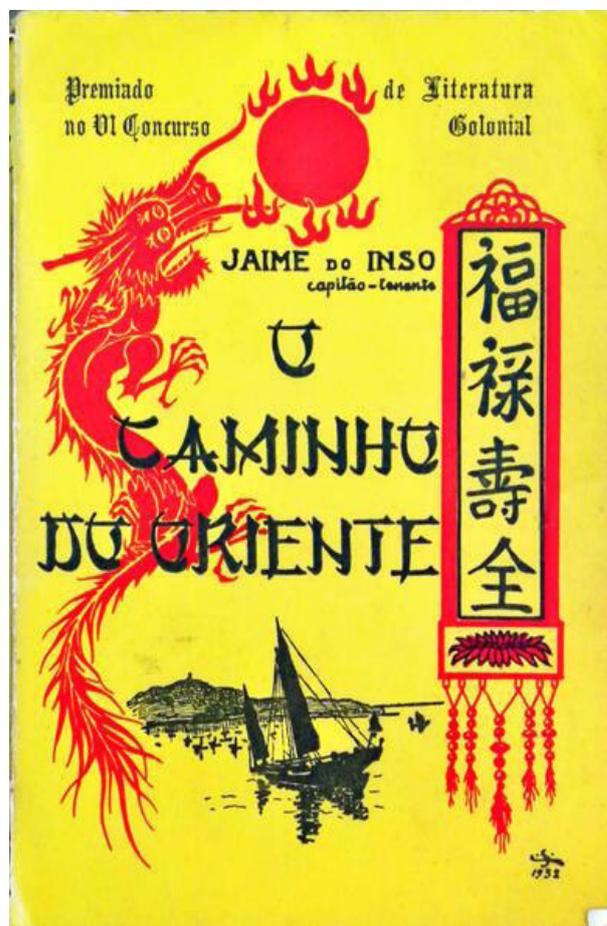


Fig. 3: Capa do livro *O Caminho do Oriente*.

Naval, a qual duraria mais de meio século, com 'Apointamentos sobre Movimentos Atmosféricos' em que determinava as regras práticas para os navios evitarem ciclones e, em 1910, publicou 'De Minimis... Deficiências Diversas da Armada que Devem Ser Remediadas: Uniformes, Material e Legislação', onde escreve: 'não será por demais que nos ocupemos d'algumas pequenas coisas que representam deficiências que será bom remediar.' Foi sempre um dos seus objectivos — Melhorar as coisas!

As recordações de Macau levaram Jaime do Inso a publicar, ainda em 1912, nos Anais do Clube 'Ecos de Macau. Guerra dos Piratas. A Batalha de

## HISTORIOGRAFIA

Lantau' e a proferir na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1913, a conferência 'Macau, a Jóia do Oriente'. Foram os seus dois primeiros trabalhos dos muitos, sempre de grande objectividade e rigor que, ao longo dos anos, iria fazer sobre o diminuto enclave português.

Em 1932, o seu livro *O Caminho do Oriente*,<sup>22</sup> foi premiado no Concurso de Literatura Colonial e, no ano seguinte, foi dada à estampa *Visões da China*,<sup>23</sup> uma colectânea de artigos publicados em órgãos de comunicação social de Portugal, Brasil e Macau e onde transcreveu uma série de cartas inéditas de Venceslau de Moraes (Lisboa 1854–Tokushima 1929) que este lhe tinha endereçado, desde 1913 até 1927, quando era Cônsul em Kobe, em Tokushima.

Moraes, igualmente oficial da Marinha, destacou-se entre os tais militares no início referidos que, ao assumir a direcção da Capitania do porto de Macau e ao tornar-se professor do Liceu dessa cidade desde a sua fundação, se radicou por lá, casando com uma mulher chinesa, Vong-Io-Chan (Atchan), de quem teve dois filhos. Contudo, a sua paixão foi o Japão, para onde se mudou casando com uma mulher local e, após o falecimento desta, com outra familiar. O seu ímpeto pela escrita, e pelas vivências asiáticas, fê-lo escrever vários livros. É de notar que Venceslau de Moraes não percorreu apenas terras asiáticas como Macau, Timor e Japão, pois ao serviço da Marinha esteve também em Moçambique, como guarda-marinha, num total de dez anos, como refere na carta dirigida a Inso, datada de Tokushima, a 15 de Abril de 1918.<sup>24</sup> O certo é que as suas informações concretizaram uma excelente fonte do conhecimento oriental nos cerca de trinta anos que viveu no Oriente. Daí que não seja para estranhar a ligação epistolar de Inso com Moraes. Embora o percurso não fosse igual, a atracção pelo Oriente fazia-se sentir entre estes dois homens, irmãos do mesmo ramo militar.

Em 1939, Inso é nomeado, por Despacho Ministerial, para prestar serviço na Secção de História do Estado Maior Naval e, nesse mesmo ano, é concluído, nos Anais do Clube, o seu trabalho *A Marinha Portuguesa na Grande Guerra*, cujos vários capítulos, que vinham a ser publicados desde 1937, descrevem a intervenção da Marinha no continente e ilhas, em Cabo Verde e em Moçambique, a actuação do Batalhão de Marinha em Angola, a aviação naval, o transporte de tropas e o serviço de comboios e para finalizar a participação da marinha mercante.

Na introdução desta obra, assume relevância a rigorosa metodologia utilizada na sua feitura e a ilação a que chegou: 'O que mais interessa, são os factos e esses procurámos autenticá-los com o máximo escrupulo, não nos poupando às mais fastidiosas buscas e recorrendo a informações de testemunhas presenciais. Duma forma geral, podemos concluir, do que adiante se lê, que a nossa Marinha fez face a todas as emergências da guerra, numas condições deploráveis e por vezes inacreditáveis'. Tal ideia encontra-se muitas vezes plasmada até aos anos setenta, onde vários militares projectam a preocupação e simultâneo interesse na divulgação das actividades da Marinha Portuguesa em cenários de guerra ou conflito, a maior parte das vezes em situações de grande precariedade. A fraca investigação nesta área de estudo constitui uma lacuna de grande importância para um melhor esclarecimento da intervenção de Portugal no mundo, através dos seus militares.

Embora não seja fácil dizer, destacam-se entre as suas publicações *Timor-1912*, trabalho que aparece com outras designações, pois foi apresentado parcialmente em conferências, mas publicado em livro com o título indicado. 'Macau, a mais antiga colónia europeia no Extremo Oriente', em 1929, tendo sido um trabalho apresentado na Exposição Portuguesa de Sevilha, *O Caminho do Oriente* (1932), *Visões da China* (1933), *China*

## HISTORIOGRAPHY

(1936), *A Marinha Portuguesa* (1937) e *Cenas da Vida de Macau* (1941) podem ser considerados os mais importantes títulos da sua bibliografia. Os artigos que redigiu para a *Revista Militar*<sup>25</sup> como *A Marinha e a Aviação em Macau*, datado de Maio–Junho de 1933, cujo conteúdo já havia apresentado na conferência da Sociedade de Geografia de Lisboa, na sessão de 13 de Março de 1933, explica o interesse na renovação da frota em Macau, bem como as tentativas de haver uma aviação, datando a primeira de 1922. A comunicação que foi publicada assume alguma relevância histórica, pois indica que Macau comprou dois aviões, oriundos de Manila, e para a sua actividade contaram com o apoio de um instrutor de voo americano,<sup>26</sup> projecto este que não teve continuidade no futuro. Só em 1927 volta a reanimação da aviação, tendo como o espaço de aeroporto *a baía Sul da Taipa, junto à praia da igreja, (...) sendo uma posição facilmente defensável.*<sup>27</sup>

Fará aqui sentido analisar as cinco obras referentes especificamente, à China e a Macau, onde se encontra plasmado o seu orientalismo, deixando as outras para uma outra oportunidade.

*O Caminho do Oriente* foi publicado numa época em que o Comandante Inso não era um principiante nem na Marinha (capitão-tenente), nem na escrita, numa edição de autor, com 1500 exemplares, tendo sido o prefácio redigido pelo Conde de Penha Garcia.

Foi alvo de uma segunda edição, pelo Instituto Cultural de Macau, em 1996. O seu conteúdo é, de facto muito interessante, pois não se trata de uma obra exclusiva de aspectos culturais sínicos, mas sim de um romance étnico–cultural. O objectivo de Inso foi mostrar uma visão panorâmica da vida colonial portuguesa, através de um enredo romântico ficcionado e em simultâneo registar hábitos chineses, aquilo que no orientalismo se considera o *eu* e o *outro*. O europeu/português ciente do seu conhecimento e hábitos culturais a

analisar/compreender o *outro*, oriental, diferente e misterioso, daqui resulta o encontro de duas culturas geográfica e culturalmente muito díspares, resultando na paixão e deslumbramento pela diferença.

Os dois personagens principais, Rodolfo Moreira, filho único, formado em Direito e Frazão Antunes, filho do auxiliar de Rodolfo, na firma do pai deste, Moreira e Antunes, Lda.,<sup>28</sup> embarcam numa deslocação entre Lisboa, percorrendo várias etapas, até Macau. A viagem não era recreativa, mas sim de natureza económica, pois queriam arranjar novos mercados, tendo como intuito salvar a pequena empresa de uma possível falência. A deslocação percorre a rota de Gibraltar, Messina (Sul de Itália), Port-Said (Egipto), Ceilão, Singapura, Hong Kong, entre os demais portos e regiões geográficas. Tal percurso mostra a projecção das grandes potências Inglaterra e França, estabelecendo um paralelismo com o decadente império português. A viagem assume, ao longo do romance, uma vertente aventureira, pelas pessoas que, entretanto, vão conhecendo, como pelas vicissitudes em que se envolvem.

Macau tinha todas as qualidades/características de satisfazer o imaginário português e europeu de uma China misteriosa e desconhecida. Inso até considera que quem ia para aquelas latitudes só lhe restava duas situações: ou não se adaptava e regressava a casa ou se adaptava, sem nunca mais abandonar ou esquecer aquelas terras, especialmente Macau.<sup>29</sup> A descrição entusiasta que faz da cidade que, aparentemente, seria sem grande significado no contexto oriental, reveste-se, para a personagem criada por Inso, como algo arrebatador, com peculiaridades interessantes. A descrição do bairro china ou *bazar* prima pelo exotismo do ambiente, da multidão, dos pregões, entre muitos detalhes, criando o efeito muito curioso de um misto de atracção e repulsa por ambos os amigos.<sup>30</sup> Atracção

## HISTORIOGRAFIA

pelo insólito do que viam, repulsa pela diferença ao que estavam habituados. A zona com casas de chá de jogo, fumarórios de ópio, restaurantes chineses, as Pi-pa-t'chais, a Rua da Felicidade, tudo constituía uma visão fabulosa.

O romance bem gizado e construído desfila hábitos e costumes chineses num contraponto com o que é português, muito embora reconhecendo a submissão de Portugal à poderosa China em termos culturais. Aliás, é interessante verificar que qualquer de um dos dois personagens, bem como o próprio narrador posicionam-se na perspectiva portuguesa/colonialista para tentarem compreender e explicar o que viam da outra cultura que muito desconheciam.

De facto, tal perspectiva que hoje com a globalização e facilidades de transporte pelo mundo já não se justifica, continua subjacente na maior parte dos viajantes que, ao deslocarem-se a outras partes do globo tentam sempre compreender o que vêem à luz da sua cultura, provocando, muitas vezes, um sorriso de complacência ou, mesmo sarcástico, de quem ouve e conhece o assunto. Citando Jiayi Yuan:

*[...] autor defenda nele a fío a legitimidade de Portugal em Macau, propagando a importância de Macau para a restauração da grandeza antiga de Portugal, configurando a superioridade da civilização ocidental em comparação com a oriental, ao longo do aprofundamento do contacto das personagens portuguesas com o mundo chinês, em certas ocasiões, a autoridade de Portugal encontra desafios e até derrotas.*<sup>31</sup>

Nessa visão colonialista, muito arreigada na projecção do império português, já há muito a declinar, ressalta a tal visão de percurso marítimo do império que os próprios jornais da época subentendiam com orgulho. Como referia o *Diário de Notícias* a 5 de Junho de 1932:

*[...] Mas o mais interessante, é que o autor faz-nos embarcar em Lisboa e seguir com ele até Macau, dando-nos a conhecer os portos de escala dessa longa viagem. [...]. Igualmente, Jiayi Yuan, o livro tem tanto de instrutivo como interessante, sendo simultaneamente, um livro de descrições, costumes e indivíduos de um mundo muito diferente do nosso, colhidos no natural e, ao mesmo tempo, um livro de imaginação e fantasia. “O Caminho do Oriente”, observamos que, por um lado, utilizando, com frequência, a primeira pessoa do plural, o narrador evoca, constantemente, a grandeza passada do império colonial português e, por outro, ele nunca se esquece de demonstrar as condições reais enfrentadas por Portugal. Deste modo, percebemos que, no romance de Inso, se espelha a questão da “hiperidentidade portuguesa”.*<sup>32</sup>

Contudo, embora esteja subjacente na obra em geral a grandiosidade do decadente império português, Inso consegue dissociar a ideia de Portugal além-mar, reconhecendo em várias passagens, que, nessa época, havia já um sentimento de relegação para segundo plano, o que dissesse respeito ao Oriente. Identifica o povo chinês como sendo trabalhador, bem como a riqueza cultural da China. Porém, ressalva a interligação e conjugação dos esforços lusos e sínicos de conviverem, num misto de respeito e de reconhecimento, o orientalismo e respeito pela China, presença constante na sua obra.

O romance teve mérito suficiente para arrecadar o importante galardão, em 1931, no VI Concurso de Literatura Colonial de 1931, em *ex aequo* com o ‘Velo d’Oiro’, de Henrique Galvão e ‘Poetas e Prosadores’, de José Ferreira Martins.

O comandante Inso publicou *Visões da China* em Lisboa, em 1933, em edição de autor, com 406

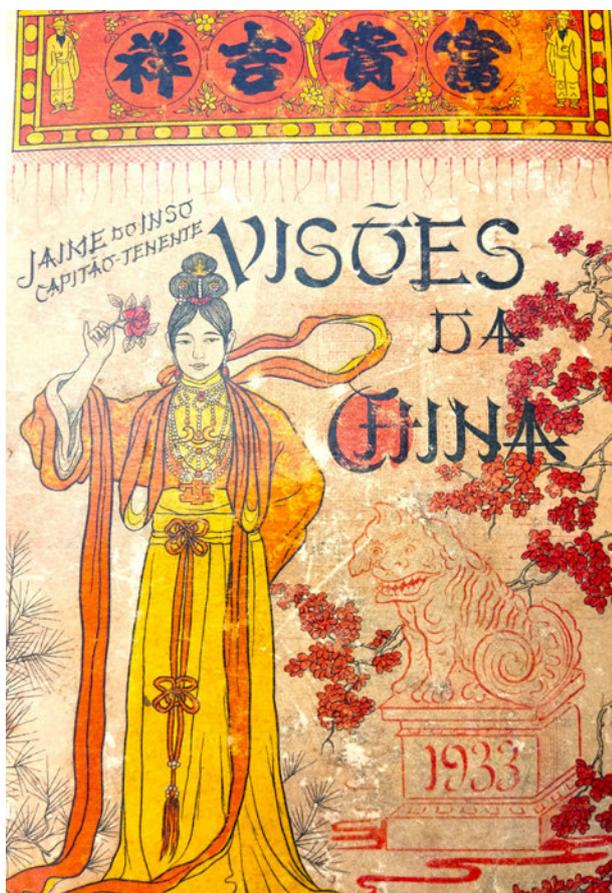


Fig. 4: Capa do livro *Visões da China*.

páginas, com uma encadernação muito bonita onde não faltou a lombada de pele e papel de acordo com a época, num registo muito diferente do primeiro livro publicado. Desta feita, já não sob a forma de romance, mas antes uma observação detalhada disposta por capítulos, do tipo fascículos, que vão desde o ano de 1926 a 1932, bem como um outro final com as cartas escritas por Moraes para ele. Inso considerou ter sido o seu amigo o responsável pelo aparecimento da obra, chegando a dedicar-lhe um capítulo da mesma.<sup>33</sup>

De certa forma, a obra é uma continuação de *O Caminho do Oriente*, pois continua a mostrar aspectos específicos do Oriente, tema que ambos os oficiais da Marinha Portuguesa comungavam.

Vejamos o nível de descrição e minúcia que Inso imprime às suas anotações nesta obra:

*Ano Novo! Estamos no Porto Interior de Macau.*

*Bandeiras desfraldadas, pendões vermelhos de caracteres indecifráveis, ondulam nos mastros, antenas e popas das lorchas que vêm recolhendo aos centos.*

*Ligeiras, bolinando que é uma maravilha, manobram airosoas como garças, de popas altas, às dezenas, em espaços apertados, correndo a buscar o fundeadouro onde se alinham formando florestas arruadas, por onde circulam os vendilhões.*

*Os 'tan-tans' soam estrídulos, roucos, contando ao vento, enquanto os 'panhões' queimados espalham fumo e ruído de alegria no céu.*

*As mulheres acorrem, também, à manobra, os filhitos — os 'sai-kós' — às costas, presos com panos vermelhos e bordados, como vermelhas são as bordas que topam os delgados mastaréus.*

*A paisagem, sob aqueles tons da China, com o vento a refrescar, todos os traços estranhos dêste quadro de um espantoso exotismo naval, são completados pelo recorte artístico e grave do templo famoso subindo em lanços pela encosta verdejante, que é o Pagode da Barra, ou 'Ma-Kok-Miu'.*

*Lá dentro, e por entre a ramaria, moram estranhas divindades mas, de todas elas, a mais querida pela gente do mar, é a deusa A-Ma que rem uma poética lenda.*

## HISTORIOGRAFIA

*Em tempos idos, um espírito bom precisou de vir à terra completar a purificação, e encarnou-se numa mulher que, um dia, pedia passagem a bordo de uns barcos a sair de Fo-Kien: todos lha negaram excepto um, o mais pobre, que lha concedeu.*

*Sobreveio enorme temporal, e enquanto os outros todos naufragaram, aquele viu as rochas abrirem-se nas águas para lhe darem passagem até que, livre de todos os perigos, abordou numa praia bonançosa onde a passageira indigente logo salta, e do cimo de umas pedras, com grande espanto da tripulação, é vista subir ao céu.*

*Fôra milagre!*

*No sítio onde ela abandonou este mundo de provações, lhe ergueram um templo onde a deusa se venera, — este templo é ‘Ma-Kok-Miu’.*

*Por isso, ainda hoje, aquela gente simples como é a gente do mar, festeja ruidosamente, pelo ano novo china, a passagem dos barcos pelo Pagode da Barra.<sup>34</sup>*

As suas anotações revelam alguns números interessantes, nomeadamente, a pujança dos portos de Macau, Taipa e Coloane que o autor discrimina, na página 22, mobilizando um total de navios, na ordem de 1130, entre embarcações de pesca, de carga e passageiros,<sup>35</sup> abrigando uma população flutuante na ordem de milhares, salientando assim que a colónia portuguesa era um importante entreposto na Província de Guangdong. Num discurso apaixonado lamenta que Portugal apenas evidencie o significado das colónias africanas, ficando Macau, ‘na sombra do esquecimento’.<sup>36</sup>

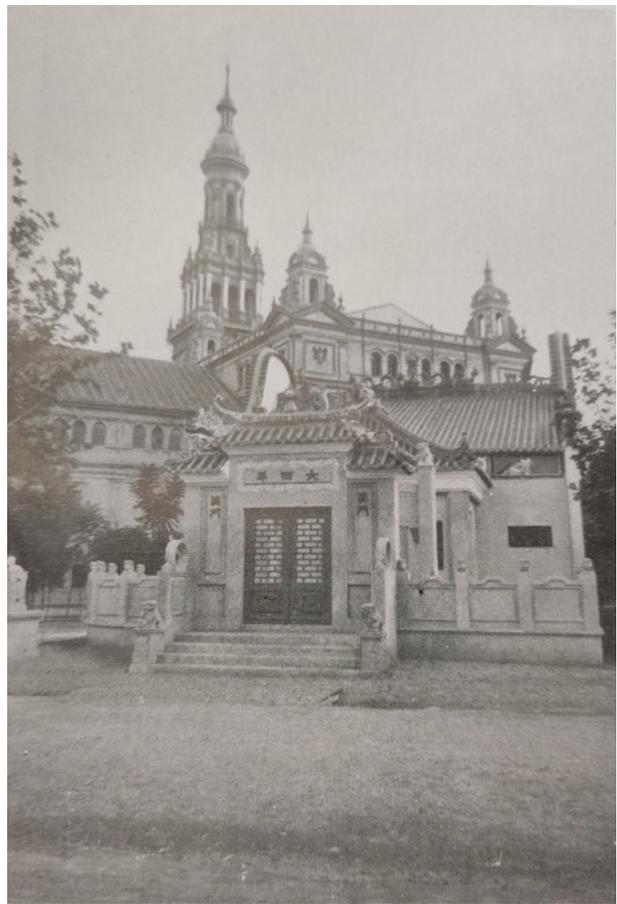


Fig. 5: Pavilhão de Macau na Exposição de Sevilha, em Jaime Inso, *Visões da China*, 380.

Para Inso, a importância da China junto do Ocidente era cada vez maior, não apenas pelas mercadorias orientais de grande interesse para a Europa, o caso da Grã-Bretanha ascidia a vários milhões,<sup>37</sup> mas igualmente em termos militares, num contexto já dos anos 30 e como consequência da I.ª Guerra Mundial.

Contudo, ao estabelecer uma comparação com os japoneses salienta a superioridade produtiva dos mesmos em relação aos chineses, mostrando ter conhecimentos factuais da zona oriental, opinião à qual não é alheia as conversas com Moraes. Inclusivamente, chega a estabelecer três países como os mais competitivos para açambarcar o comércio

## HISTORIOGRAPHY

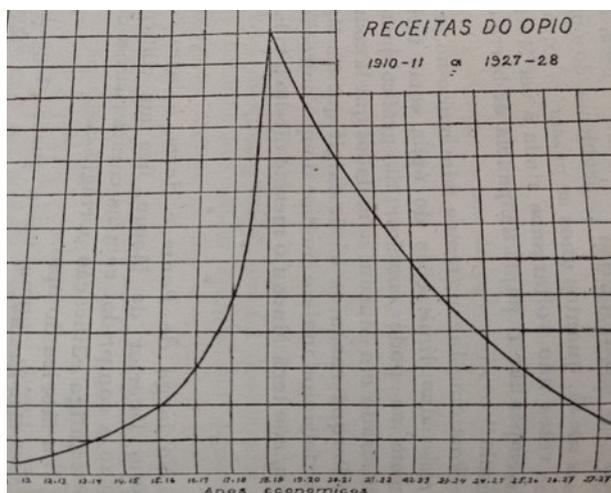


Fig. 6: Receitas do ópio (1910/11 a 1927/28), em Inso, *Visões da China*, 216.

com a China: Estados Unidos, Japão e Grã-Bretanha, menorizando o interesse e capacidade portuguesa nessa demanda.<sup>38</sup> Considera num segundo plano os interesses franceses e russos.

O Comendador Lou Lim Ioc, homem abastado e amigo dos portugueses, morador em Macau, cuja casa e jardins constituem hoje um dos grandes encantos e riqueza patrimonial da cidade é alvo de um capítulo do *Visões da China*. O homem em questão possuía grandes interesses comerciais pela China, bem como se lhe deveu a reconstrução do hospital chinês de Kiang Wu, tendo sido agraciado com a Comenda de Cristo,<sup>39</sup> em Maio de 1925. A propósito da morte do Comendador, o autor teceu muitas análises sobre crenças chinesas além-morte, algumas surpreendentes aos seus olhos.

Igualmente referiu a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, realizada em 1929, cuja representação de Macau, através de um pavilhão, tipo pagode,<sup>40</sup> consagrou-se por um êxito junto dos visitantes.

Os interesses económicos também não foram esquecidos na obra, principalmente aquele cuja receita era muito significativa: o ópio, cujo edifício fábrica se situava 'No largo de Ponte e Horta, à beira

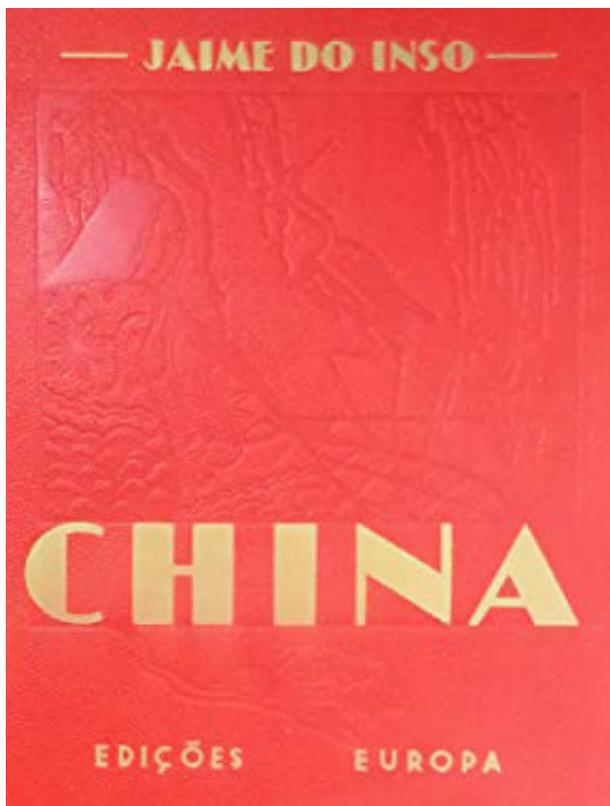
do Porto Interior de Macau, fica um edifício baixo e comprido, com as características de uma antiga edificação portuguesa. É a fábrica do ópio'.<sup>41</sup> Chega mesmo a apresentar um gráfico das receitas desse produto, onde se infere terem sido os anos de 1918 e 1919, os anos de maior sucesso.<sup>42</sup>

Em 1936, apenas três anos após *Visões da China*, publica *China*, obra de grande tamanho e muito ilustrada. Inicialmente, conheceu a luz do dia sob a forma de fascículos, 'constará de 12 tomos de 32 páginas, que serão publicados um cada mês, no formato de 30 x 22 cm, em papel couché inglês especialmente fabricado para esse fim'.<sup>43</sup>

A obra é constituída por três partes: *A China Antiga*, *A China Moderna e Macau*, *Jóia do Oriente*, descrevendo, detalhadamente, a História da China, a cultura, literatura, caligrafias, teatro, música, arte, língua com o quadro muito interessante de algumas comparações entre os caracteres antigos e modernos, conforme foto referente à página 140, religião, mitos, lendas, referindo o *I Ching*, ou *Livro das Transformações*,<sup>44</sup> descrições das mulheres chinesas e dos juncos... Nesta primeira parte aparece a expressão *O Caminho da China*, desde Port Said até Macau, onde se percebe que, neste estudo, recolheu muitas informações para a construção da referida obra. Inso chega a recuperar dados históricos anteriores a 1150 a.C., apoiando-se em diversas fontes, principalmente francesas e inglesas, mostrando um trabalho significativo de investigação sobre a China.

As questões políticas do *Império do Meio* são igualmente abordadas, pois estava a ser atacada pelo Japão, lugar onde Inso esteve em 1912.<sup>45</sup> A guerra interna, cujas tensões se faziam sentir desde 1911, devido à revolução realizada pelo movimento nacionalista, que derrubou a centenária dinastia Qing, chefiado por Sun Yat Sen, primeiro presidente provisório das Províncias Unidas da China e co-fundador do Kuomintang.<sup>46</sup> Aquilo que podemos

## HISTORIOGRAFIA

Fig. 7: Capa do livro *China*.

apelidar de Guerra Civil Chinesa e que teve períodos temporais intermitentes, de 1927 a 1937 e 1946 a 1949, aconteceu devido a antagonismos entre as forças nacionalistas e as comunistas. O clima de grande tensão teve a sua maior intensidade após a II.<sup>a</sup> Guerra Mundial, agudizando tensões e emergências de extremismos mesmo em outros países da Ásia. Em 1937, os japoneses invadiram a Manchúria e os confrontos internos diminuíram, face à emergência de enfrentar um inimigo comum. A situação sofreu um agravamento com a II.<sup>a</sup> Guerra Mundial, em virtude de os japoneses desenvolverem a expansão territorial, ligando-se à Alemanha Nazi.

Após o grande conflito internacional, a situação interna voltou a agravar-se. A República Popular da China foi proclamada a 1 de Outubro de 1949 e a vitória comunista completou-se quando

o governo nacionalista fugiu para Taiwan, em Dezembro daquele ano.<sup>47</sup>

A obra foi enriquecida com as biografias de Sun Yat Sen (1866–1925), que para além do relevante papel político que desempenhou foi o introdutor da medicina ocidental na China e em Macau, onde viveu de forma periódica, e de Chiang Kai-shek (1887–1975) presidente da China entre os períodos 1928–49, de forma intermitente, e de Taiwan entre 1950 e 1975. O nosso autor demonstra ter conhecimentos do que se passava na China, em termos políticos, como em termos de conhecimento de algumas figuras emblemáticas da revolução republicana e, mais tarde, comunista. Aliás, comparando as datas em que Sun Yat Sen permaneceu em Macau e as datas em que Inso esteve naquela cidade é um ‘talvez provável’, que se tivessem encontrado, sem grande certeza, visto não haver qualquer referência a esse contacto.

No entanto, já não deve ter tido a oportunidade de privar com o republicano e herói da Revolução de 5 de Outubro em Portugal, José Carlos da Maia (1878–1921), governador de Macau, entre 1914 e 1916. Figura histórica extraordinária, projectou obras muito importantes para aquela cidade, como a Avenida Almeida Ribeiro ‘A via estabeleceu, assim, a ligação entre a Praia Grande, onde funcionava o centro político e financeiro de Macau, e em que as elites portuguesa e macaense dominavam, com o Porto Interior, onde vivia a maior parte da comunidade chinesa’.<sup>48</sup> Muito embora este oficial da Marinha não tivesse ligação aparente com Inso, não deixa de ser relevante o facto de ambos terem tido um vínculo com Macau, com a China e o segundo, uma relação próxima de Sun Yat Sen.

A pirataria foi outro dos alvos do interesse do militar-escritor, pois constituiu um autêntico flagelo para o Sul da China e para Macau,<sup>49</sup> fazendo referência às suas três vertentes: cobrando taxas de passagem à navegação, fazendo raptos para



Fig. 8: Comparação entre a escrita chinesa antiga e a escrita chinesa moderna, em Jaime Inso, *China*, 140.

resgates e assaltando navios no alto-mar. Descreve com crueza as implicações para o raptado, o não pagamento do referido resgate, resultando num relato impressionante, com imagens de piratas (fotos da época) e desenhos de castigos infligidos aos salteadores, quando capturados. Aliás, Inso considera mesmo que a pirataria e o ópio fornecem informações que oscilam entre o romântico e o dramático,<sup>50</sup> numa perspectiva do ambiente envolvente, pois qualquer um destes temas daria como cenário para obras de ficção de mérito.

Na última parte da extensa obra, o autor dedicou a Macau, apelidando-a de *Jóia do Oriente*, onde descreve a dimensão da cidade, hábitos, costumes com várias fotografias desde o Leal Senado, Edifício dos Correios, Canídro de Macau, entre outros, para além de uma interessante sinopse da população de Macau.<sup>51</sup> A sua preocupação de compreender a lógica do outro é absolutamente

relevante nos seus escritos. Ao fazer as descrições, confere um entusiasmo pelos orientalismos, que aos seus olhos se comparação entre a escrita chinesa antiga e a escrita chinesa moderna, mas sempre apetecível.

Na continuação desta análise sumária de algumas das suas publicações, após a passagem à reforma, Inso publicou em 1941, *Cenas da Vida de Macau*, numa edição de *Os Cadernos Coloniais*, que constituem uma colecção com setenta livros, publicados pelas Edições Cosmos, entre os anos de 1920 e 1960, mas com especial relevância entre os anos de 1935 e 1941, 'Foram tratados diversos temas desde a história da colonização, figuras ligadas à colonização, política "ultramarina", aspectos étnicos, culturais e religiosos sobretudo do continente africano (somente um número dedicado a Macau, um ao Estado da Índia, 4 números referentes a Timor)'.<sup>52</sup> Os referidos cadernos de

## HISTORIOGRAFIA

formato reduzido (tipo livro de bolso) de 18 cm x 12 cm, tinham uma média de 40 páginas. A coleção terminou precisamente com o número 70, dedicado a Macau. A nota do editor (assinada em Fevereiro de 1941) publicada na página 37, refere duas razões que obrigaram a editora a ter de suspender a publicação: ‘a) O aumento enormíssimo do custo de artigos gráficos – papel e gravura, especialmente, e b) O desinteresse sempre crescente que, por parte do público, tem sido prestado a esta coleção.’ Esta obra mereceu uma reedição feliz, por parte do Instituto Cultural de Macau em 1997, com seis capítulos, nomeadamente: I — ‘A Caminho do Bazar’, II — ‘Os Bonzos Amarelos’, III — ‘O “Clu-Clu”’, IV — ‘Na Penumbra dos Pagodes’, V — ‘O Auto China’, VI — ‘Noites do Bazar’.

Muito embora esta publicação não acrescente

mais pormenores detalhados da vida em Macau, Jaime do Inso, com a sua obra dedicada a Macau e a outras áreas geográficas dessa parte do globo, provou ser uma testemunha fidedigna de uma época não tão documentada como qualquer investigador gostaria. Por vezes, a falta de fontes relevantes reduz a importância histórica de um tempo, pois não se pode colmatar os ‘vazios’ com conclusões imaginativas ou por simpatia. Daí que o autor e respectiva obra contribuam para um melhor esclarecimento histórico de uma terra pela qual se apaixonou, paixão essa subentendida na abordagem que fez, relativamente aos assuntos por si escolhidos. Numa análise mais global, até poderíamos concluir que se Portugal foi seu berço identitário, Macau foi a sua terra de coração e assim sendo, ele próprio estabeleceu uma ponte entre o Oriente e o Ocidente. **RC**

## NOTAS

- 1 Esta interessante frase de Inso foi igualmente citada por Salvador da Cunha Cordovil Horta e Costa, “Jaime Correia do Inso. Uma Vida Dedicada à Marinha e Encantada pelo Oriente” (dissertação de mestrado, Escola Naval, 2019), 67–68. Jaime Inso, “A China. Conferência Feita em 2 de Junho de 1930, pelo Sr. Comandante Jaime do Inso na Sociedade de Geografia de Lisboa,” Separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (Lisboa: Tipog. e Papelaria Carmona, s.d.), 30.
- 2 Jaime Inso, *Visões da China* (Lisboa: Tipografia Élite, 1933), 12.
- 3 Inso, *Visões da China*, 231.
- 4 Jaime Inso, “Comunicações com as Colónias do Extremo Oriente,” *Boletim Geral das Colónias*, ano XI, n.º 121, Julho de 1935, 35–38.
- 5 Jaime Inso, “Macau e as Suas Indústrias,” *Boletim Geral das Colónias*, n.º 86–87, 1932, 18–35.
- 6 Inso, “Macau e as Suas Indústrias,” 28–29.
- 7 Henrique Carlos Ribeiro Lisboa, *A China e os Chins Recordações de Viagem* (Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão / CHDD, 2016), [http://funag.gov.br/loja/download/1142-a\\_china\\_e\\_os\\_chins.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1142-a_china_e_os_chins.pdf).
- 8 “O Brasil Encontra o Extremo Oriente: A Missão Chinesa (1880),” Biblioteca Nacional Digital do Brasil, consultado a 28 de Agosto de 2023, <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-brasil-encontra-o-extremo-orienta-a-primeira-missao-brasileira-a-china-1880/nosso-primeiro-trabalho-sinologico-a-china-e-os-chins/>.
- 9 De acordo com o seu registo biográfico e profissional que se encontra no Arquivo Central da Marinha de Lisboa, Livros-Mestres F/194; I/142; M/19 e N/116.
- 10 Jaime Inso, *China* (Lisboa: Edições Europa, 1936), 187.
- 11 Inso, *China*, 188.
- 12 Jaime Inso, “A Canhoneira «Pátria»,” *Anais de Marinha*, n.º 18, Setembro–Dezembro de 1951.
- 13 Jaime Inso, *Timor-1912* (Lisboa: Edições Cosmos, 1939), 13.
- 14 Inso, *Timor-1912*, 82.
- 15 Inso, *Timor-1912*, 128.
- 16 Inso, *Timor-1912*, 90.
- 17 Inso, *Timor-1912*, 113.
- 18 Inso, *Timor-1912*, 215, 235.
- 19 Inso, “A Canhoneira,” 24.
- 20 ACML, Lisboa, CX 1413-3-2.
- 21 ACML, Lisboa, CX 1413-3-2.

HISTORIOGRAPHY

- 22 Jaime Inso, *O Caminho do Oriente*, 1.ª edição (Lisboa: Edição do Autor, 1932).
- 23 Jaime Inso, *Visões da China*, 1.ª edição (Lisboa: Edição do Autor, 1933).
- 24 Inso, *Visões da China*, 402.
- 25 *Revista Militar*, 2.ª época, ano LXXXV, Maio–Junho, n.º 5–6, 1933, Lisboa, 301–326.
- 26 *Revista Militar*, 319.
- 27 *Revista Militar*, 320.
- 28 Inso, *O Caminho*, 23.
- 29 Inso, *O Caminho*, 127.
- 30 Inso, *O Caminho*, 128.
- 31 Yuan Jiayi, “A China e Macau a partir de Duas ‘Navegações’ Portuguesas do Século XX: *O Caminho do Oriente* (1932) de Jaime do Inso e *Nocturno em Macau* (1991) de Maria Ondina Braga” (tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, 2020), 35.
- 32 Yuan, “A China e Macau a partir de Duas ‘Navegações’ Portuguesas do Século XX,” 11.
- 33 Inso, *Visões da China*, 265–267.
- 34 Inso, *Visões da China*, 407.
- 35 Inso, *Visões da China*, corrigido na pg. 407.
- 36 Inso, *Visões da China*, 23.
- 37 Inso, *Visões da China*, 37.
- 38 Inso, *Visões da China*, 55 e seguintes.
- 39 Inso, *Visões da China*, 91.
- 40 Inso, *Visões da China*, 123 e seguintes.
- 41 Inso, *Visões da China*, 215–216.
- 42 Inso, *Visões da China*, 216.
- 43 António Aresta, “Recordando Jaime do Inso,” *Jornal Tribuna de Macau*, 17 de Maio de 2023.
- 44 Inso, *China*, 140–141.
- 45 Inso, *China*, 301.
- 46 “Revolução Chinesa,” Wikipedia, consultado a 23 de Maio de 2023, [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Chinesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Chinesa).
- 47 “A Guerra Civil Chinesa,” Wikipedia, consultado a 23 de Maio de 2023, [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Civil\\_Chinesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Chinesa).
- 48 Andreia Sofia Silva, “Carlos da Maia, o Governador que Imaginou a San Ma Lou, Morreu Há 100 Anos,” *Hoje Macau*, 19 de Outubro de 2021.
- 49 Inso, *China*, 320.
- 50 Inso, *China*, 325.
- 51 Inso, *China*, 378.
- 52 “Leitura – ‘Cênas da Vida de Macau,’” *Nenotavaiconta*, 1 de Outubro de 2012.

ARQUIVO

Arquivo Central da Marinha de Lisboa (ACML):

Livros-Mestres F/194; I/142; M/19 e N/116.  
Lisboa, CX 1413-3-2.

Biblioteca Central da Marinha de Lisboa (BCML):

Livros-Mestres F/194; I/142; M/19 e N/116.

Biblioteca Nacional Digital do Brasil (BNDB):

“O Brasil Encontra o Extremo Oriente: A Missão Chinesa (1880).” Consultado a 28 de Agosto de 2023. <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-brasil-encontra-o-extremo-orienta-a-primeira-missao-brasileira-a-china-1880/nosso-primeiro-trabalho-sinologico-a-china-e-os-chins/>.

BIBLIOGRAFIA

- Aresta, António. “Recordando Jaime do Inso.” *Jornal Tribuna de Macau*, 17 de Maio de 2023.
- Horta e Costa, Salvador da Cunha Cordovil. “Jaime Correia do Inso. Uma Vida Dedicada à Marinha e Encantada pelo Oriente.” Dissertação de mestrado, Escola Naval, 2019.
- Inso, Jaime. *O Caminho do Oriente*. 1.ª edição. Lisboa: Edição do Autor, 1932.
- \_\_\_\_\_. “A Canhoneira «Pátria».” *Anais de Marinha*, n.º 18, Setembro–Dezembro de 1951.
- \_\_\_\_\_. *China*. Lisboa: Edições Europa, 1936.
- \_\_\_\_\_. “A China. Conferência Feita em 2 de Junho de 1930, pelo Sr. Comandante Jaime do Inso na Sociedade de Geografia de Lisboa.” Separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Tipog. e Papelaria Carmona, s.d., 30.
- \_\_\_\_\_. “Comunicações com as Colónias do Extremo Oriente.”

## HISTORIOGRAFIA

- Boletim Geral das Colónias*, ano XI, n.º 121, Julho de 1935, 35–38.
- \_\_\_\_\_. “Macau e as Suas Indústrias.” *Boletim Geral das Colónias*, Ano VIII, n.º 86–87, Agosto–Setembro de 1932, 18–35.
- \_\_\_\_\_. *Timor-1912*. Lisboa: Edições Cosmos, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Visões da China*. Lisboa: Tipografia Élite, 1933.
- “Leitura – ‘Cênas da Vida de Macau’.” *Nenotavaiconta*, 1 de Outubro de 2012.
- Lisboa, Henrique Carlos Ribeiro. *A China e os Chins Recordações de Viagem*. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão / CHDD, 2016. [http://funag.gov.br/loja/download/1142-a\\_china\\_e\\_os\\_chins.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1142-a_china_e_os_chins.pdf). Consultado a 28 de Agosto de 2023.
- Revista Militar*, 2.ª época, ano LXXXV, Maio-Junho, n.º 5–6, 1933, Lisboa, 301–326.
- Silva, Andreia Sofia. “Carlos da Maia, o Governador que Imaginou a San Ma Lou, Morreu Há 100 Anos.” *Hoje Macau*, 19 de Outubro de 2021.
- Wikipedia. “A Guerra Civil Chinesa.” Consultado a 23 de Maio de 2023. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Civil\\_Chinesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Chinesa).
- \_\_\_\_\_. “Revolução Chinesa.” Consultado a 23 de Maio de 2023. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Chinesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Chinesa).
- Yuan, Jiayi. “A China e Macau a partir de Duas ‘Navegações’ Portuguesas do Século XX: *O Caminho do Oriente* (1932) de Jaime do Inso e *Nocturno em Macau* (1991) de Maria Ondina Braga.” Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, 2020.

